

# Português brasileiro, línguas africanas e história: reflexões

---

Amanda dos Reis Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este ensaio discute aspectos do contato estabelecido entre a língua portuguesa no Brasil e línguas africanas. Retomam-se questões históricas vistas, aqui, como condições variadas para a heterogeneidade hoje encontrada no Português Brasileiro (PB). Apresentam-se algumas interpretações publicadas acerca do papel africano e expõem-se características fonético-fonológicas das línguas africanas majoritárias no período colonial, citando fenômenos do PB para os quais se atribui uma interferência dessas. Objetiva-se, por fim, refletir sobre a possibilidade de caminhos para uma compreensão eficaz da importância das línguas africanas na configuração atual do PB, especialmente com referência ao componente sonoro das línguas.

**Palavras-chave:** Português brasileiro; línguas africanas; fonética e fonologia.

**ABSTRACT:** This essay discusses aspects of the contact established between the Portuguese language in Brazil and African languages. We retake historical issues regarded here as different conditions for the heterogeneity that can be found in Brazilian Portuguese (BP) nowadays. We present some published interpretations on the African role and also phonetic-phonological characteristics of majority African languages in the colonial period by giving examples of the phenomena in BP in which their interference is assumed. The objective is think over ways for understanding of the importance of African languages in the current configuration of BP, especially in relation to the audible component of language.

**Keywords:** Brazilian portuguese; african languages; phonetics and phonology.

**RESUMÉ:** Cet essai discute des aspects du contact établi entre la langue portugaise et des langues africaines au Brésil. On reprend des questions historiques vues, ici, comme des conditions variées pour l'hétérogénéité trouvée dans le Portugais Brésilien (PB). On présente quelques interprétations publiés à propos du rôle africain dans ce contexte e on expose de caractéristiques phonétique-phonologiques des langues africaines majoritaires dans la période coloniale, en citant des phénomènes du PB pour lesquelles on attribue une interférence de ces langues. On objective, enfin, réfléchir à propos de la possibilité des chemins pour une compréhension efficace sur l'importance des langues africaines dans la configuration actuel du PB, spécialement en ce qui concerne au composant sonore des langues.

**Mots-clés:** Portugais brésilien ; Langues africaines ; phonétique et phonologie.

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura (PPGLinC-UFBA).

## Introdução

Estudar uma língua sob a perspectiva histórica é, antes de tudo, compreendê-la não como um todo contínuo e homogêneo, mas sim como uma entidade viva, vista em múltiplas perspectivas. Observá-la do ponto presente, assim, pressupõe considerar os sucessivos enquadramentos passados, a fim de entender as suas características atuais como frutos de diversos mecanismos e em constante mutação.

Pensar na realidade atual do Português Brasileiro (PB), sob esse viés, equivaleria, analogamente, à contemplação de um feixe de luz branca disperso pelo prisma, produzindo raios multicoloridos. Seria encarar um sistema linguístico, variável, porém dotado de forças centrípetas – uma vez que, no início da colonização brasileira, o Português Europeu (PE) já detinha agentes normativizadores – disperso no tempo e no espaço, em contato com povos, línguas e culturas diversificadas. Como resultado, vê-se um contínuo de normas, que, embora não percam a identidade comum, caminham seguindo lógicas próprias, revelando particularidades de grupos de falantes e áreas linguísticas distintas.

Nesse sentido, compreende-se que qualquer que seja a tentativa de explicar a natureza atual do PB, em face do português lusitano, ou mesmo de compará-lo com outras variedades da língua portuguesa, que preze por uma lógica unitarista, assumindo um só fato como elucidativo de todo o quadro sociolinguístico dessa língua ou postulando uma causa específica para justificar tal realidade, está fadada a ser generalista e a não atender às necessidades da língua, em sua essência.

Assim sendo, os caminhos historicamente percorridos pelo português no Brasil, as línguas do contato, as próprias situações do contato em si, devem ser vistas como condições para o estabelecimento das feições discursivas, sintáticas, morfológicas e fonético-fonológicas apresentadas pela língua atual. Condições essas que devem ser, ao mesmo tempo, somadas, para melhor compreender o quadro, e fragmentadas, no intuito de observar fatos e normas particulares.

Sob essa perspectiva, estabelece-se, neste ensaio, como limite para compreensão histórica do PB, uma das muitas faces que devem ser postas em pauta: aquilo que diz respeito às línguas africanas, que aqui aportaram, na boca daqueles que foram submetidos à escravidão, entre os séculos XVI e XIX. Além de inventariar a presença desses povos e línguas no Brasil, trazendo à cena as diferentes interpretações acerca do papel desse elemento na formação do PB contemporâneo, busca-se retomar aspectos fonético-fonológicos daquelas que foram majoritárias, dentre essas línguas, no intuito de estabelecer um contraponto entre essas e alguns aspectos característicos do PB. Trata-se, portanto, de uma visão descritiva e fragmentária.

Alerta-se para o fato de que se assume neste texto não uma postura elucidativa com relação às divergências entre o que se apresenta no PB e aquilo que revela o PE. Visa-se, aqui, a perscrutar aquilo que tem sido dito por autores que se dedicaram ao assunto, estabelecendo-se uma reflexão histórica acerca de características fônicas do português, apontando, enquanto seja viável, possíveis fluxos e ressonâncias do processo histórico do contato entre línguas, nos resultados hoje encontrados.

## Os africanos no Brasil: um retorno à história do contato entre línguas

Tencionando demonstrar as problemáticas existentes em torno da presença dos negros africanos e de suas línguas no Brasil, bem como acerca dos seus papéis na formatação do PB, recorre-se às questões postas por Alkmin (2007):

O silêncio sobre a história lingüística de negros e escravos brasileiros causa uma certa perplexidade: como interpretar a ausência de registro histórico? Por que cronistas, viajantes, historiadores, ao longo do período colonial, pouco ou quase nada relataram a respeito dos usos lingüísticos de uma parcela tão significativa da população do Brasil? Devemos ver, nessa atitude, a manifestação de um absoluto desinteresse pela questão, ditada pelo preconceito em relação às línguas africanas e aos usuários africanos da língua portuguesa? Ou não teria havido, efetivamente, nada de excepcional a registrar? [...] Mas como se deu o contato entre africanos de distintas línguas e culturas? Como foi o processo de aquisição do português pelos escravos? Por que não foi possível manter o uso das línguas africanas ao lado do português? (ALKMIN, 2007: 465-466).

À primeira vista, é possível dizer que muitas dessas questões se não são de simples resolução, encontram, rapidamente, direcionamento nesse sentido, uma vez que, em razão da condição social em que viviam esses indivíduos, e, conseqüentemente, do *status* do qual gozavam as suas línguas, em face da posição do colonizador europeu e da língua lusa, permite que se entenda, genericamente, o porquê de não ter sido possível a manutenção do uso das línguas africanas ao lado do português<sup>2</sup>. As

---

<sup>2</sup> Como pontua Mattoso (2003: 45-46), ser escravo no Brasil era ser visto e tratado como uma mercadoria como as outras, situação exemplificada, a seguir, com as informações referentes ao transporte dos cativos: "O cirurgião de bordo [...] submete todos os cativos a uma revista sanitária e eles são marcados a ferro no ombro, na coxa ou no peito: cena descrita freqüentemente pelos que tentaram mostrar como o escravo perde a sua dignidade de homem e que não passa de uma das etapas desse longo caminho que leva à escravidão." Desse modo, se o homem africano era coisificado na

questões postas revelam, todavia, que até mesmo aqueles que se dedicam a estudar e discutir com afinco esta temática não encontram consenso e nem consideram as perguntas esgotadas.

Iniciando a tarefa de resgate da presença das línguas africanas no Brasil, cabe fazer referência à história do contato entre línguas, durante os séculos da Colônia e do Império, destacando a presença do elemento africano.

O século XVI foi marcado, inicialmente, pelo encontro dos primeiros portugueses, com os homens indígenas, habitantes da costa brasileira, e suas várias línguas, as quais se congregam no tronco linguístico Tupi. Acerca da situação linguística dos indígenas e do intercuro entre as línguas desses e o português, há alguns fatos que, embora não ocupem o centro desta discussão, merecem ser, ao menos brevemente, pontuados. Enfatizam-se, a esse respeito, aspectos tangentes às chamadas línguas gerais.

As ideias de Rodrigues (1994, 2006, 2010) agregam sentidos técnicos a essa noção, uma vez que passa a dizer respeito a duas situações bastante específicas, as quais têm como eixo comum os relacionamentos estabelecidos entre os colonizadores portugueses e as mulheres indígenas e, conseqüentemente, os filhos gerados desses casos. São elas:

- i. *Língua geral paulista*, termo empregado para designar a língua tupi, modificada pelo contato com a língua portuguesa, difundida entre os mamelucos (mestiços), expandida do litoral paulista para áreas de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, pela ação das bandeiras, onde persistiu até a segunda metade do século XIX, declinando em razão

---

sociedade colonial escravagista, as suas línguas, então, eram relegadas a uma posição secundária no contexto brasileiro, em face das línguas gerais, de base indígena, e do português.

da progressiva dizimação dos índios e introdução dos escravos e colonos europeus;

- ii. *Língua Geral Amazônica*, que se refere à língua dos mestiços de portugueses e mães indígenas, predominantemente, de origem tupinambá, na área do Estado do Pará, marcada pela heterogeneidade, em virtude da inclusão, na comunidade de falantes, de índios de distintas línguas. Ressalte-se que a situação político-econômica de disseminação dessa língua geral é contextualmente diferente da anterior, uma vez que se relaciona ao processo de colonização portuguesa da área do Maranhão e, posteriormente, da Amazônia, ocorrida apenas no século XVII, após a expulsão de franceses.

Além da visão especializada, de acordo com Lucchesi (2009), o termo *língua geral* recobriria, ainda, uma gama variada de situações:

- (i) a *koiné* empregada na comunicação entre as tribos de línguas do tronco tupi da costa brasileira;
- (ii) a sua versão como língua franca usada no intercuro dos colonizadores portugueses e indígenas;
- (iii) a sua versão nativizada predominante nos núcleos populacionais mestiços que se estabeleceram no início da colonização; e
- (iii) a versão 'gramaticalizada' pelos jesuítas sob o modelo português e utilizada largamente na catequese, até de tribos de língua não tupi [...] (LUCCHESI, 2009: 43).

Diante de todos esses quadros, o que se deseja destacar é o fato de terem essas línguas ganhado um amplo escopo no Brasil Colônia, sendo usuais em boa parte do território até então dominado pelos portugueses naquele momento e, também, nas situações de foro econômico-administrativo. Compreende-se, assim, que não é nesses momentos iniciais da colonização que o português ganha o *status* de língua

majoritária, estando confinado às bocas da elite pouco numerosa e dos mamelucos, na condição de segunda língua.

Assim, no que tange aos africanos – cuja presença foi cada vez mais requerida, em função das demandas apresentadas pela economia açucareira, já nos séculos XVI e XVII, sobretudo nas áreas da Bahia e de Pernambuco, e da necessidade de substituição da mão-de-obra indígena – vale compreender que foram de extrema relevância para a maior disseminação do português nas áreas em que predominavam, posto que as línguas indígenas, que rareavam nessas áreas, devido à progressiva dizimação das populações nativas, recuava, cada vez mais, à zona paulista e à zona amazônica. Considera-se, contudo, que, em um momento inicial, foi com essas línguas que o escravo africano teve contato na área do litoral nordestino<sup>3</sup>, ainda que tenha sido de forma reduzida.

O século XVIII assistiu à introdução de novas levas de africanos, que, desde o século anterior, já ocupavam a maior fatia da distribuição demográfica na colônia, em razão da descoberta do ouro, nas Minas Gerais. Se há forte inserção do elemento negro, nesse contexto, há também a presença massiva de portugueses, atraídos pela rápida possibilidade de enriquecimento:

Estima-se que, no decorrer do século XVIII, pelo menos trezentos mil portugueses tenham vindo para o Brasil em busca de enriquecimento rápido. O tráfico negreiro também se orientou para as demandas cada vez maiores de mão de obra para a mineração. Além disso, os senhores de engenho, já decadentes vendiam seus escravos para a região das minas, ou para lá e dirigiam com os seus escravos, pois de todo o país afluíam aventureiros em busca de fortuna fácil (LUCCHESI, 2009: 48).

---

<sup>3</sup> Como afirma Lucchesi (2009: 46): “É possível que os primeiros escravos africanos tenham tido contato com a língua geral, mas, com a redução da presença indígena na zona açucareira, os escravos, desde cedo, passaram a ter contato com o português.”.

É, nesse século, então, que a língua portuguesa avança no território, uma vez que ocorre um deslocamento do eixo econômico, direcionando as novas levas de portugueses para localidades em que, até então, dominava a língua geral paulista. Além disso, ressalta-se o maior acesso dos escravos africanos à língua-alvo.

A fuga da Corte portuguesa e as mudanças aqui implementadas por esse fato, nos planos social, político e econômico, são acontecimentos oitocentistas de suma relevância não somente para a ascensão do Brasil à condição do Estado autônomo (já que, ao menos, na legalidade, a Colônia foi alçada à condição de Império), para a sua progressiva urbanização, mas, sobretudo, para que se estabelecessem sentidos nacionalista e progressista, cabendo ao português o papel de língua oficial. Isso porque se incorporava ao Brasil o modo de vida metropolitano, estabelecendo-se condições para a disseminação da língua, formalmente.

No entanto, essas alterações não atuaram de forma abrupta, permanecendo, nas primeiras décadas, a base da economia nacional agrária e a mão-de-obra fundamental, a escrava. A abolição, vinda, praticamente, na última década do século XIX, decorria de uma incompatibilidade entre essa e o modelo econômico capitalista, que começava a se arraigar, impulsionado pela Revolução Industrial na Inglaterra, e declinou, lentamente, com a falência das grandes fazendas. O homem escravo, força motriz do Brasil agroexportador, permaneceu à margem da sociedade que se renovava: “[...] deslocados do grande processo produtivo e abandonados pelas políticas públicas, essas comunidades de ex-escravos formavam nichos [...]” (LUCCHESI, 2009: 52).

Esse quadro, entretanto, não pode ser encarado apenas como uma história linear, de encontros de povos em um espaço ao longo do tempo. É preciso que se compreendam as nuances detectáveis nesse panorama:

- i. Como e, em que tempo, se deram as relações prévias entre os portugueses e as civilizações africanas?
- ii. Como se configura a intensidade do tráfico no Brasil, ao longo dos séculos, e que fatia da população ocupavam esses escravos?
- iii. E, sobretudo, de onde vinham esses escravos? Como se caracterizam do ponto de vista étnico e, mais ainda, glossogenético, esses povos?

A seguir, estabelece-se uma tentativa de, com base no que apontam variados autores, responder a essas indagações.

## **Uma compreensão sobre o contato entre o português e as línguas africanas**

Esmiuçando a visão referente aos contatos entre as línguas e povos africanos e a língua portuguesa, cabe, inicialmente, reportar-se ao início desses encontros.

As naus portuguesas iniciaram a sua exploração da costa africana já no século XV e, a partir desse momento inicial, os primeiros homens foram submetidos ao trabalho escravo:

Foi Antão Gonçalves que, em 1441, levou a D. Henrique alguns mouros aprisionados no rio do Ouro.

O mesmo Antão trocou dois desses mouros por dez negros, na sua volta às costas da África. Com mais alguns outros capturados na ilha de Arguim, e foram eles os primeiros negros

transportados, diretamente, para Portugal (MENDONÇA, 2012 [1933]).

As partes da África, nesse momento, servirão, preponderantemente, como fonte de força de trabalho, dado que as terras pareciam aos navegadores europeus, pobres em metais nobres. A “mercadoria humana” é arrancada da terra e lançada, pelo mar, ao mundo desconhecido, em um momento inicial, para suprir as necessidades da metrópole, intensificando a atividade do tráfico negreiro, na medida em que se apresentam maiores demandas nas Américas.

O relato de Mattoso (2003) é aqui tomado de modo a precisar e esclarecer essa situação:

O homem branco considerará lucrativo e glorioso instalar-se no Brasil [...] enquanto a África dos reinos e tribos negras, território ‘repleto’ que ninguém ainda pensa em conquistar e colonizar [...] vai-se deixar dessangrar em sua força de trabalho, sua grande reserva, o homem preto [...]. Estranha aventura que enxerta a África negra na América branca e vermelha.

[...]

Em 1434 é dobrado o cabo Bojador e, aos poucos, cada metro da costa africana será metodicamente explorado pelos marujos portugueses. Passada a barra, devasados os rios de curso acidentado, descobrem-se os rios de intensa circulação comercial nesse continente de selvas e desertos.

[...]

Em 1500, o número de escravos negros existentes no Velho Mundo não passava de 25 mil. O escravo torna-se mercadoria bem mais interessante quando os descobridores do Novo Mundo [...] dão-se conta da necessidade de inventar modalidades novas de exploração das terras também novas (MATTOSO, 2003: 17-18).

Põe-se, aí, o fato de que as relações prévias entre o colonizador português, o continente africano e os seus habitantes é, praticamente, datada de século anterior à ocupação do solo brasileiro. Acontecimento

esse que é relevante no sentido de mostrar que, embora com feições altamente distintas (uma vez que, em Portugal, eram as línguas africanas que estavam mergulhadas no mar português), havia um contato preliminar.

Conforme se observou, a importação de escravos se intensificou na medida em que as necessidades da economia colonial também se fizeram mais prementes. É sabido que o tráfico se estendeu durante todo o período de submissão do Brasil à Coroa portuguesa e teve implicações diferenciadas no quadro demográfico brasileiro, ao longo desse período: “Entre 1502 e 1860, mais de 9 milhões e meio de africanos serão transportados para as Américas, e o Brasil figura como o maior importador de homens pretos” (MATTOSO, 2003: 19). E ainda:

Entre a segunda metade do século XVI e 1850, data que se assina a abolição definitiva do tráfico brasileiro, o número de cativos importados é avaliado entre 3 500 000 e 3 600 000. [...] O Brasil teria, pois, importado 38% dos escravos trazidos da África para o Novo Mundo (MATTOSO, 2003: 53).

Revela-se, assim, que, durante todo o período escravagista, o Brasil se configurou como um dos maiores portos atracadores dos navios negreiros, como também se percebe, ainda que se trate de dados brutos, que esses sujeitos aqui estiveram em porção bastante expressiva.

É lícito argumentar, a esse respeito, que mais do que refletir sobre a quantidade de escravos africanos trazidos pelos portugueses ao Brasil, cabe pensar na parcela ocupada por esses sujeitos e suas línguas, dentro desse ambiente específico, e nas implicações linguísticas passíveis de observação.

Os dados da demografia histórica, frequentemente apresentados por pesquisadores da área, revelam que a população africana e seus descendentes (negros brasileiros e mulatos), perfizeram uma porção

significativa da população brasileira, ao longo do tempo, como se observa na Tabela 1.

**Tabela 1** – Demografia histórica do Brasil (séculos XVI-XIX)

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
AFRICANOS	20%	30%	20%	12%	2%
NEGROS BRASILEIROS	--	20%	21%	19%	13%
MULATOS	--	10%	19%	34%	42%
BRANCOS BRASILEIROS	--	5%	10%	17%	24%
EUROPEUS	30%	25%	22%	14%	17%
ÍNDIOS INTEGRADOS	50%	10%	8%	4%	2%

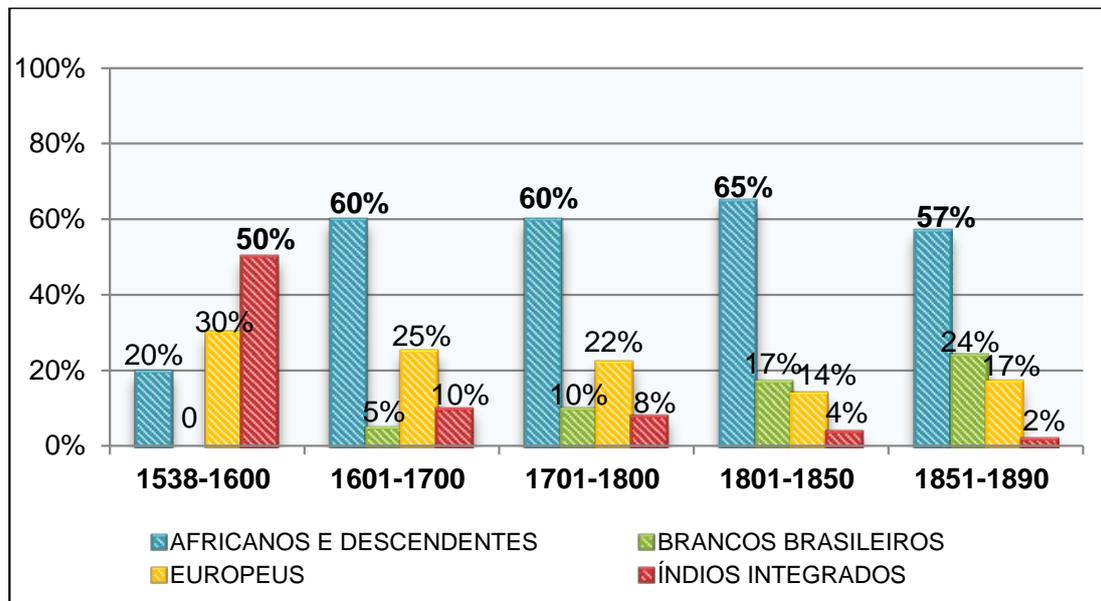
Fonte: MUSSA, 1991: 163 apud MATTOS E SILVA, 2008: 101.

Observa-se a importação crescente de escravos entre os séculos XVI (início do tráfico), XVII e XVIII (apogeu), havendo um decréscimo apenas no século XIX, em razão das questões históricas antes apresentadas. Vê-se, a partir do século XVII, o surgimento das gerações descendentes, englobando os negros brasileiros e os mestiços (mulatos). Note-se que esses ocupavam no século XIX, momento fundamental para a consolidação do português como língua oficial, o maior percentual da demografia. Em outra via, decresce o número de indígenas, exponencialmente, enquanto o número de europeus e brancos brasileiros é mais expressivo entre anos setecentos e oitocentos, justo em decorrência dos acontecimentos político-econômicos.

Somando o percentual de africanos aos de seus descendentes, nos distintos séculos de domínio português, e representando essa realidade em gráfico, visualiza-se, com maior clareza, a preponderância desses homens e mulheres na composição demográfica do Brasil, a partir do século XVII. Assim sendo, torna-se inegável que a sua contribuição para a caracterização do PB deveria ser encarada como mais significativa, do

que restringi-la aos registros no léxico ou confiná-la ao plano dos motivos ou condições apresentados pela história brasileira, que favoreceram o aceleração de tendências já prefiguradas na língua.

**Gráfico 1** – Síntese da demografia histórica do Brasil (séculos XVI-XIX)



Fonte: Elaborado a partir de MUSSA, 1991: 163 apud MATTOS E SILVA, 2008: 101.

Ainda que não haja consenso acerca do dessas questões, é válido atribuir ao homem africano e aos mestiços o papel preponderante de difusores do português no Brasil, uma vez que a sua presença é atestada em diferentes eixos econômicos e sua expressividade numérica é bastante significativa em face dos colonos ibéricos e de seus descendentes brancos. Essa tarefa é cumprida por Mattos e Silva (2008):

A presença maciça dos africanos e afro-descendentes que a demografia histórica demonstra; a atuação constante dos escravos na frentes de economia da colonização; a mobilidade geográfica, decorrente das vicissitudes da vida econômica de seus senhores e da economia brasileira; os diversificados e múltiplos papéis por eles desempenhados na sociedade colonial rural e urbana; o significado social e lingüístico dos espaços ilegítimos da escravidão permitem embasar o meu ponto de vista interpretativo de que é esse segmento numeroso e operante – os africanos e afro-descendentes – o agente

principal da difusão do português no território brasileiro, na sua face majoritária, popular ou vernácula (MATTOS E SILVA, 2008: 106).

Que os africanos e afrodescendentes tiveram papel fundamental no espraiamento da língua portuguesa pelo território brasileiro é fato notável, porém cabe estabelecer ressalvas no que diz respeito à mobilidade desses indivíduos, visto que os eixos econômicos estabelecidos foram bem delimitados (Nordeste açucareiro, Minas auríferas e Sudeste político e agroexportador). Questiona-se, aqui, se teria havido mobilidade suficiente para que se encontre o quadro sociolinguístico de polarização de normas<sup>4</sup> visto, nos dias de hoje.

No sentido de esmiuçar os aspectos relativos à presença das línguas e povos africanos no Brasil, é necessário, igualmente, apresentar dados acerca da proveniência geográfica desses e, também, caracterizá-los étnica e linguisticamente. Ressalte-se que é comumente pontuada a ideia da seleção negativa, segundo a qual se misturariam povos rivais e falantes de línguas ininteligíveis entre si, sendo evitadas possíveis rebeliões. Um olhar mais detido, entretanto demonstrará que essa hipótese não se sustenta, no panorama linguístico.

Para expor a proveniência geográfica dos escravos, recorre-se, mais uma vez, a Mattoso (2003), que apresenta quatro diferentes ciclos para o tráfico negreiro no Brasil. Os períodos, ciclos, etnias e localidade de destino são expostos, esquematicamente, no quadro que se segue.

---

<sup>4</sup> Com referência à questão da polarização sociolinguística, apresentada por Lucchesi (2001), segundo a qual o PB seria interpretado em um *continuum* de normas, estratificadas segundo dois pólos – de um lado as normas cultas e, de outro, as normas vernaculares – não opostos. Essas normas estariam em constante interação, não se opondo, e responderiam ao processo histórico de disseminação do português no Brasil, dividido entre os poucos falantes da elite colonial e os escravos aloglotas. Esse posicionamento é a base para a proposta de *Transmissão Linguística Irregular*, apresentada, posteriormente, como uma das hipóteses elucidativas para a configuração atual do PB.

**Quadro 1** – Ciclos do tráfico negreiro e origem dos escravos traficados

SÉCULO	CICLO	ORIGEM ÉTNICA	DESTINO
XVI	Ciclo da Guiné	Negros da Costa da Guiné ( <i>uolof, mandiga, sonrai, mossi, hauçá e peul</i> )	Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro (demandas da economia açucareira)
XVII	Ciclo de Angola e do Congo	Negros banto, oriundos da África equatorial e central	Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro (demandas da economia açucareira e conflitos luso-holandeses)
XVIII	Ciclo da Costa da Mina e, posteriormente, da Baía de Benin	Sudaneses	Minas Gerais (extração aurífera)
XIX	Tráfico ilegal de escravos	Negros banto (Angola e Moçambique)	São Paulo (economia cafeeira)

Fonte: MATTOSO, 2003: 22-23.

A importância dessas informações diz respeito, sobretudo, à percepção de que os escravos trazidos para o Brasil apresentavam uma composição étnica relativamente coesa, com relação aos ciclos estabelecidos, fato que se reflete na sua caracterização linguística.

Os dados apresentados pela autora revelam, todavia, algumas imprecisões de natureza histórica, que ficam mais nítidas, por exemplo, quando se considera a questão dos negros hauçá. De acordo com esse quadro, o povo se fez presente na área da Bahia, já no século inaugural do tráfico. Todavia, é salutar o fato de terem sido esses negros uns dos personagens do evento histórico conhecido como *Revolta dos Malês*, que teve lugar em Salvador, apenas em 1835:

Na madrugada de 25 de janeiro de 1835, um domingo, aconteceu em Salvador a revolta de escravos africanos. O movimento [...] é conhecido como Revolta dos Malês, por serem assim chamados os negros muçulmanos que o organizaram. [...] os malês eram especificamente os muçulmanos de língua iorubá, conhecidos como nagôs na Bahia.

Outros grupos, até mais islamizados como os haussás, também participaram, porém contribuindo com muito menor número de rebeldes (REIS, s.d.: 2).

Autores como Albuquerque e Fraga Filho (2006: 44-46) e Machado Filho (2007) oferecem relatos acerca da presença tardia desse povo e de sua língua, no Brasil escravagista. Os primeiros confinam-na a segunda metade do século XVIII, tendo sido esses escravos trazidos para as regiões do Nordeste, enquanto o outro a posterga ao século XIX:

Do tronco Afro-Asiático, foram traficados – não apenas antes do século XIX – os negros islamizados do ramo Chádico, de língua hauçá, em número bastante reduzido, para assumir tarefas relacionadas a serviços urbanos, sobretudo no Nordeste, na região da Bahia. (MACHADO FILHO, 2007: 190).

O quadro adiante, adaptado de Miller (2010: 47-48), informa, com exatidão, os períodos de importação, os portos de origem, os traficantes e os portos de destino dos escravos africanos no Brasil.

**Quadro 2** – Períodos, portos e destinos da escravidão na África Central

PERÍODOS	PORTO NA ÁFRICA CENTRAL	TRAFICANTES	DESTINO(S) NA AMÉRICA
1521- 1575	Foz do Zaire	Portugueses	Lisboa, Sevilha, Brasil, São Tomé
1576-1640	Luanda	Portugueses	América espanhola, Pernambuco e Bahia
1641-1700	Luanda Benguela	Pernambucanos Fluminenses	Nordeste do Brasil Sudeste do Brasil (pequeno números)
1701-1760	Luanda	Portugueses	Minas Gerais (Rio de Janeiro)
1701-1810	Luanda Benguela	Fluminenses Fluminenses	Rio de Janeiro, Minas Gerais (também Rio da Prata) idem
1755-1765	Luanda	Portugueses	Nordeste do Brasil
1811-1830	Luanda	Fluminenses Pernambucanos	Sudeste do Brasil Nordeste do Brasil

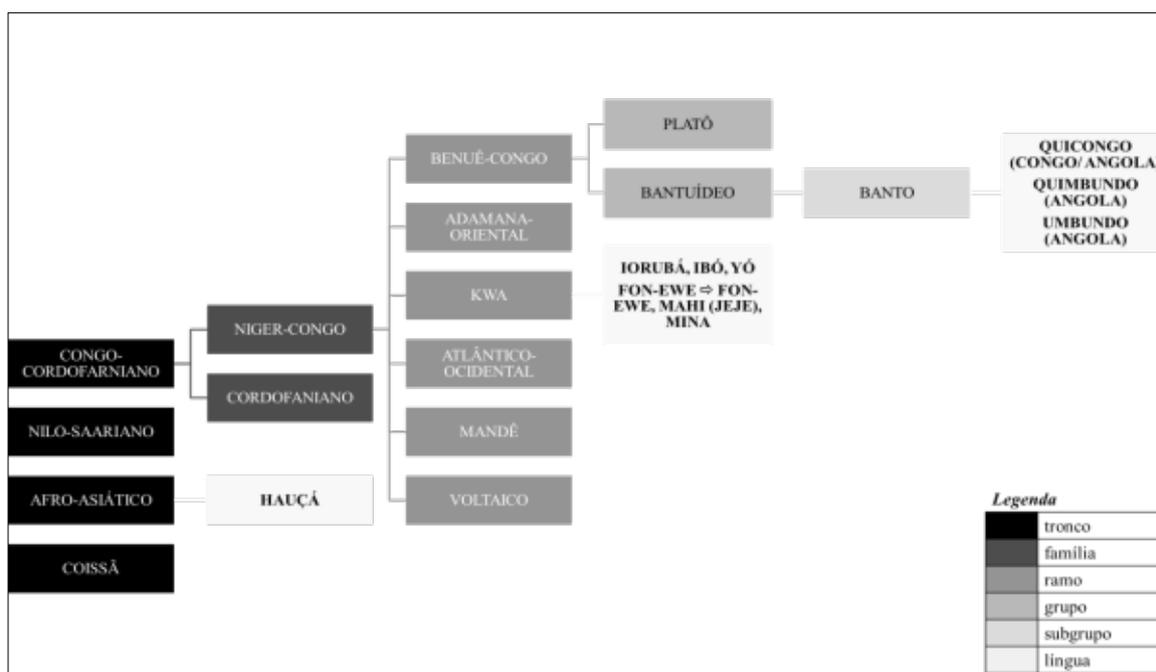
	Benguela Congo/ Cabinda Malimbo / Loango	Fluminenses Fluminenses Baianos e Pernambucanos	Sudeste do Brasil Sudeste do Brasil Nordeste do Brasil
1831-1850	Congo/ Cabinda  Ambriz Benguela	Fluminenses, Pernambucanos (também baianos)  Fluminenses Fluminenses	Sudeste do Brasil Nordeste do Brasil  Sudeste do Brasil Sudeste do Brasil

Fonte: Adaptado de MILLER, 2010: 47-48.

Com base nesses dados, demonstra-se o fluxo constante de negros da região da África Central, em diferentes momentos e para distintas áreas brasileiras, ainda que a rota da escravidão fosse bastante específica. Destacam-se, nesse âmbito, os portos de Luanda e Benguela, em Angola. Interessa observar, prioritariamente, que essa é a área correspondente ao domínio das línguas do subgrupo banto.

A situação linguística dos africanos escravizados, no decurso do tempo, é apresentada por Pessoa de Castro (2006, 2005, 2009) e sintetizada, graficamente, por Medeiros (2008), de quem se adapta a Figura 1.

**Figura 1** – Composição glossogenética das línguas africanas do contato



Fonte: Adaptada de MEDEIROS, 2008: 29.

A partir desse gráfico, percebe-se que as línguas do contato pertenciam a apenas dois troncos linguísticos, Congo-Cordofaniano e Afro-Asiático. Do primeiro vieram as línguas da família Niger-Congo, subdividida nos ramos Benuê-Congo e Kwa, o qual aportou no Brasil entre os séculos XVIII e XIX e esteve presente na área da Bahia (especificamente no centro urbano de Salvador). Sobre o ramo Benuê-Congo, destacam-se as línguas do subgrupo Banto que, como já se demonstrou, estiveram no Brasil em locais e tempos diferentes. Do segundo, apenas o hauçá, chegado em fins do tráfico.

Considera-se, desde então, que, contrariamente, à visão da seleção negativa, os escravos africanos trazidos para o Brasil, embora cultivassem línguas diferenciadas, elas eram bastante próximas e constituíam uma unidade linguística, visão que é sintetizada por Pessoa de Castro (2009):

[...] apesar dessa aparente diversidade de línguas, com exceção do hauçá, da família afro-asiática, de introdução tardia e de falantes minoritários localizados na cidade de Salvador na

primeira metade do século XIX, podemos constatar que elas têm uma origem comum. Pertencem a uma única grande família lingüística níger-congo, portanto são línguas aparentadas (PESSOA DE CASTRO, 2009: 179).

Estabelecida essa visão mais detida acerca da presença dos povos e línguas africanos no Brasil, apresentam-se, em seguida, as distintas interpretações para essas situações sociolinguísticas.

### **As línguas africanas e a língua portuguesa no brasil: distintas percepções de um encontro**

No que concerne aos estudos desenvolvidos, é possível identificar algumas tendências diferenciadas quanto à interpretação do papel das línguas africanas, na formatação do PB.

Um primeiro momento, datado das primeiras décadas do século XX, foi aquele em que os estudiosos estavam preocupados em atribuir uma “influência” direta de tais línguas na variedade do português aqui consolidada.

Destacam-se, dentre esses, os trabalhos de Mendonça (1933) e Raimundo (1933). O primeiro, *A influência africana no Português do Brasil*, estabelece uma visão sobre a configuração genética das línguas africanas, como um todo, delineia um mapa do tráfico negreiro, enfatizando os povos importados para o Brasil, alegando a proeminência dos banto. Por último, apresenta aspectos morfológicos e fonéticos do quimbundo e as suas prováveis interferências no PB. O outro, *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, segundo Bonvini (2009: 17), “[...] segue o mesmo esquema [do anterior], baseando suas observações numa

pesquisa mais precisa sobre a línguas africanas.”. Cabe ressaltar que, em razão das imprecisões dos autores, não se pode precisar de que modo ter-se-iam configurado essas “influências” linguísticas e que mecanismos teriam operado na aquisição do português pelos africanos.

Outro período é aquele marcado pela propagação das ideias de nomes como Serafim da Silva Neto, Gladstone Chaves de Melo e Silvio Elia. De modo geral, esses discursos são perpassados pela ideia da “surpreendente” unidade linguística e cultural do Brasil.

No que tange às personagens africanas e afrodescendentes, Elia (1979) alega a existência de semicrioulos setorizados, em decorrência da assimilação imperfeita da cultura lusófona pelos escravos, mas não teria havido interferência da língua desses no português. Melo (1946), por sua vez, delega uma maior relevância ao elemento africano na caracterização do PB, em face do indígena, apontando alguns aspectos linguísticos oriundos desse contato e a possibilidade de existência de crioulo setorizado. Todavia, aponta a deriva como solução para esse quadro que seria sanado com o aumento da escolarização:

[...] ousa [...] esperar que em futuro mais ou menos remoto, mercê da alfabetização e instrução generalizadas, bem como da ascensão social e cultural das classes inferiores [...] venham se atenuar sensivelmente e até desaparecer as marcas deixadas pelo negro escravo na morfologia da língua luso-brasileira (MELO, 1946: 72).

Por último, Silva Neto (1950), cuja boa parte das ideias é subsídio para interpretações posteriores, alega a existência de crioulos e semicrioulos, os quais teriam deixado vestígios somente nos dialetos rurais, sendo a ascensão dos mestiços responsável pelo seu desaparecimento, “vencendo”, ao fim, a língua portuguesa.

Embora, de fato, seja o português a língua hoje cultivada, majoritariamente, no Brasil, sendo o PB dotado de certa unidade diatópica, não se pode aceitar que o mesmo tenha passado incólume pelo processo sócio-histórico, acima descrito, dado que foi falado e disseminado, em boa parte do tempo colonial, por falantes estrangeiros e por seus descendentes mestiços.

Em fins do século XX, os debates acerca da matriz africana do PB foram reacendidos em função da divulgação dos achados de Ferreira (1984), na comunidade rural isolada de Helvécia, na Bahia, a propósito das pesquisas para o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Durante a breve exploração da localidade, a autora registrou fatos linguísticos que possibilitariam caracterizar o falar de Helvécia como remanescente de um crioulo brasileiro, visto que a área foi marcada pelo intenso contato entre alemães e suíços, interessados na economia cafeeira, e muitos negros, comprados como escravos, a partir do século XVIII.

A partir daí, três hipóteses distintas acerca das propriedades linguísticas do PB são erigidas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, tomando por base os processos de erosão, desencadeados na morfologia flexional.

A hipótese de criouliização prévia, defendida por Gregory Guy e John Holm (2004, 2009), tem os seus argumentos pautados nas reduções fônicas e morfológicas vistas no PB contemporâneo. O primeiro autor acredita na existência de um crioulo de base portuguesa, generalizado no Brasil, que se teria descrioulizado em direção ao PE. O outro alega que o PB seria um semicrioulo ou um vernáculo parcialmente reestruturado.

Essas ideias foram fortemente repreendidas por outros linguistas, pois as condições demográficas e os resultados linguísticos hoje encontrados no país não são suficientes para se postular a ideia de um

crioulo com tais feições. Além disso, as tendências atuais do PB permitem que se diga que ele caminha em um sentido, senão oposto ao do PE, bastante divergente, como demonstra, por exemplo, a direção da cliticização (preferencialmente proclítica no PB, ao contrário do PE, que opta pela ênclise) ou a altura das vogais (bastante elevadas, no PE, e pouco audíveis, inverso no PB).

A visão da conformação do PB como decorrente de um processo de *Transmissão Linguística Irregular* (TLI) é propagada por pesquisadores como Baxter e Lucchesi (2009), que ressaltam o processo de aquisição imperfeita do português pela população escrava, a qual dispunha apenas de dados linguísticos fragmentados. A inserção progressiva de portugueses, na sociedade colonial brasileira, bem como as migrações constantes são fatores responsáveis pela caracterização do processo como uma TLI do tipo leve e do PB como uma variedade linguística e não como uma língua nova em face ao PE, um crioulo.

É nessas considerações estritamente linguísticas que residem as imprecisões da proposta: o que definiria, no plano intralinguístico, uma língua nova e apenas uma variedade linguística? Aparte esse item, talvez seja esta a proposta que consiga congrega mais elementos para a compreensão da língua portuguesa no Brasil em sua magnitude, haja vista amalgamar à noção de TLI, a visão desta língua enquanto plural e polarizada.

A última proposição, nesse viés, é, justamente, aquela que não atribui um papel especial aos falantes africanos e afrodescendentes na caracterização do PB. Trata-se da proposta de deriva secular, à qual se agrega, posteriormente, a ideia de uma confluência de motivos, defendida por Naro e Scherre (2003, 2007). Os autores afirmam que os

aspectos linguísticos que, atualmente, particularizam o PB refletem tendências já configuradas no sistema linguístico português. O contato com as línguas e falantes africanos apenas teria acelerado essas tendências.

Críticas a essa proposta são feitas no sentido em que se nega a tarefa da sociolinguística, viva no Brasil desde a década de 1960: a mudança não ocorreria em função do uso real e da ação dos falantes, mas teria explicações imanentistas.

O que se depreende dessas tendências elucidativas é que nenhuma delas consegue recobrir, satisfatoriamente, a situação do PB, em boa parte porque tentam submeter a complexidade de uma língua natural e de uma história, construída a partir de múltiplos recortes, a uma condição única. Age-se metonimicamente: por vezes o léxico, por vezes a morfologia flexional são tomados para explicar a situação de todo um sistema. O feixe de raios coloridos é encarado pelo prisma às avessas: congregam-se situações diversas em um raio de luz branca.

### **Notícias acerca dos aspectos fonético-fonológicos: o que se sabe**

Destaca-se, a partir daqui, não somente aquilo que se diz acerca dos sistemas fonológicos e dos aspectos fonéticos das línguas africanas majoritárias do contato, mas também o que ocorre no PB e para o que se atribui uma motivação africanista.

Intentando estabelecer esses cotejos, é interessante ressaltar que, no campo da prosódia, as línguas africanas do contato, em boa parte, caracterizam-se por serem línguas tonais<sup>5</sup>:

(i) *Tons musicais*. — Menos geral sem dúvida, a tonalidade musical é ausente em algumas línguas, presente em outras e coexistente mesmo em certas línguas.

[...]

Tratando das línguas sudanesas, particularmente o Yoruba e o Tui, Seligman cita ambas como as mais características do grupo. Observa ainda que a maioria dos seus vocábulos são simples monossílabos geralmente uma consoante seguida de vogal. Daí a importância da entoação. A elevação da voz pode mudar completamente o sentido de uma palavra (MENDONÇA, 2012 [1933]: 67).

(ii) O quimbundo, como a maioria das línguas africanas do tronco nigero-congolês, utiliza diferenças de altura relativa para transmitir distinções lexicais, caracterizando-o como uma língua tonal. Seu sistema fonológico opõe dois níveis distintos – dois registros tonais – alto (A) e baixo (B) – utilizando a variação de altura no nível da sílaba e, assim, é também capaz de distinguir o significado de sequências idênticas de segmentos (XAVIER, 2010: 79).

Assim sendo, o arcabouço fonológico desses sistemas linguísticos, destacando-se o quimbundo, língua majoritária do contato interlinguístico no Brasil, e o iorubá, proeminente na área da Bahia, conta com um parâmetro suprasegmental – de grande importância no que tange à relação entre o componente fônico e os demais níveis linguísticos – desconhecido da língua portuguesa. Este fato certamente interferiu no processo de aquisição da língua (como segunda língua para a primeira geração de escravos e como língua materna para os negros e

---

<sup>5</sup> Sobre o termo *tom*, em Linguística, Dubois et al (2006: 589) dizem que é empregado para “[...] as variações de altura no interior de uma mesma palavra, variações que permitem opor duas palavras de sentidos diferentes, mas cujos significantes são idêntico.” Ainda nesse sentido, Silva (2011: 211) afirma que “Línguas tonais são aquelas em que o tom é utilizado para marcar diferença de significado ou gramatical. Várias línguas indígenas brasileiras são línguas tonais. O português não é uma língua tonal.”

mestiços nascidos no Brasil), em contexto altamente caótico e em meio a dados fragmentados.

Tratando das vogais, semivogais, ditongos e da estrutura silábica, retorna-se, inicialmente, o texto de Mendonça (2012 [1933]: 66-68), que, consoante se apontou acima, aborda aspectos linguísticos da língua quimbundo. Afirma que:

- “O quimbundo tem as vogais *a, e, i, o, u*, ao lado das semivogais *y e w*.”;
- “Não há vogais, como em português, que são *mudas* no fim da palavra.”;
- “As semivogais *y e w* aparecem sempre antes de vogal como no português *payol, agwa*.”
- “Em quimbundo não existem ditongos e as combinações vocálicas *au, ai, eu, oi, ou* são dissilábicas e como tais devem ser emitidas.

Dão-se, porém, na emissão, rápidas contrações vocálicas que se aproximam de ditongos.”

Tais fatos são corroborados por Xavier (2010), que, ao fazer uma análise fonológica sincrônica, com base nas variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange, identifica o mesmo sistema com cinco vogais orais distintivas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/, sendo as médias sempre realizadas como fechadas). Com relação aos ditongos, afirma que existem apenas ditongos crescentes (semivogal + vogal), foneticamente, como uma tentativa de desfazer hiatos.

Sobre a estrutura da sílaba, aponta o fato de serem as sílabas do quimbundo sempre constituídas de um núcleo vocálico, acompanhado ou não de uma consoante à esquerda (onset), nunca ocorrendo à direita

(coda silábica): as sílabas são sempre abertas. Essa observação também está presente em Petter (2009), que, inclusive, atribui a essa prevalência do padrão silábico CV a tendência ao restabelecimento, no PB, dessa estrutura, estando atrelados a isso todos os processos de eliminação das codas na variedade brasileira do português.

Essa última visão é bastante conhecida, através da voz de Pessoa de Castro (2009), que, embora divirja dos demais autores, no que toca ao sistema vocálico, conclui que:

Entre as coincidências estruturais a serem consideradas estão o sistema de sete vogais orais e a estrutura silábica ideal (CV.CV), fazendo com que, na modalidade do português brasileiro, se observe a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona, e a tendência de evitar sílabas fechadas por consoante. (PESSOA DE CASTRO, 2009: 181)

No que é pertinente às consoantes, conta-se com poucas informações, sendo notadas algumas disparidades entre os autores.

Mendonça (2012[1933]) afirma que as consoantes do sistema fonológico do *quimbundo* são, em maioria absoluta, simples. Reproduz-se, a seguir, o quadro consonantal apresentado pelo autor para essa língua<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> De modo a preservar as informações, optou-se por manter as características articulatórias, tais quais são descritas pelo autor. Agregaram-se, apenas, os símbolos correspondentes aos fonemas, com base nas notações do Alfabeto Fonético Interacional.

**Quadro 3** – Quadro consonantal do quimbundo

		VELARES	PALATAIS	DENTAIS	LABIAIS	
					LABIODENTAIS	BILABIAIS
<b>OCCLUSIVAS</b>		quê /&/ guê /ʎo/		tê /◆/ dê /◊/		pê /□/ bê /∅/
<b>CONSTRITIVAS</b>	FRICATIVAS			sê /♦/ zê /ʃ/ chê /♣/ jê /C/	fê /x̣/ vê /ṿ/	
	VIBRANTES			lê /●/ rê /⊙/ (fraco)		
	NASAIS		nhê /ɲ/	nê /■/		mê /○/

Fonte: MENDONÇA, 2012 [1933]: 70.

Xavier (2010), por sua vez, além das consoantes simples, adere ao sistema grupos consonantais (como mb', 'nd', 'mv'), com valor fonológico. Além disso, soma a consoante fricativa glotal /h/ ao quadro.

Quanto aos processos fonológicos, opta-se por apontar não as regras que se sucedem nas línguas africanas do contato, mas aquelas que ocorrem na fonética do PB e para as quais são atribuídas ações dos falantes de tais línguas. Os exemplos que serão expostos foram citados pelos próprios autores.

Mendonça (2012 [1933]: 80-81) confina, dentre os traços fonéticos que ocorrem no PB, em razão da ação dos escravos e seus filhos os seguintes elementos:

- Vocalização da consoante lateral médio-palatal ◐◆♣ (como em ◐○◆erʃɲ ~ ◐○◆ʃ◆ɲ, ◐ʃ□er♣ ~ ◐ʃ□er♣, ◐&◆erʃɲ ~ ◐&◆ʃ◆ɲ), fenômeno que diz ser idêntico ao ocorrido em crioulos (São Tomé, Cabo Verde) de base portuguesa;

- A chiante [ç] passa a sibilante [z] em início de vocábulo: *Jesus ~ Zezus; José ~ Zozé;*
- Apagamento de /l/ e /R/ finais: *general ~ generá, cafezal ~ cafezá, esquecer ~ esquecê;*
- Eliminação de grupos consonânticos (síncope das consoantes líquidas): *negro ~ nego, alegre ~ alegue;*
- Aféreses diversas: *está ~ tá, você ~ ocê, acabar ~ cabá;*
- Monotongações de [ej] e [ow]: *cheiro ~ chêro, beijo ~ bêjo, lavoura ~ lavôra.*

Assim como o referido autor, Petter (2009) aponta a despalatalização de  $\text{ç} \sim \text{z}$  e a sua vocalização e, ainda, a monotongação do ditongo [ej] e dos diferentes processos de apagamento (aféreses, síncope e apócope), já referidos. Afora esses fatos indica:

- Metátese da líquida vibrante, como em *perspectivas ~ prespectivas, perguntar ~ pregar, dormir ~ dromir;*
- Processos de harmonização vocálica, envolvendo médias pretônicas: *bebida ~ bibida, depois ~ dipois, menino ~ minino;*
- Processos de inserção de segmentos (próteses, epênteses e paragoge): *diminuir ~ adiminuir, pneu ~ peneu; azul ~ zuli.*

### Para onde ou se pode caminhar: reflexões finais

Como ponto de partida destas considerações finais, é legítimo pontuar que, com base nas questões históricas e sociolinguísticas

discutidas, o contato entre o português e as línguas africanas no Brasil é complexa e deve ser observada segundo diversos vieses.

Quando se consideram as possíveis interferências das situações imbricadas a esse contato no que se refere ao nível fonético-fonológico, as questões se tornam ainda mais tênues dadas especificidades desse paradigma da observação linguística. Trata-se daquele ambiente em que as ações concretas dos falantes, o seu uso, deve ser tomado como base para compreensão de todos os processos, uma vez que “[...] o meio natural primeiro da linguagem humana é o som.” (LYONS, 1987: 71). Destarte, no processo de aquisição do português, pelos aloglotas, a interface sonora decerto sofreu alterações, mas que não podem ser encaradas sob uma perspectiva determinista, causalista e/ou unitária, dada a fluidez inerente a esse nível de análise. Processos de metátese, apagamentos e inserção de segmentos, por exemplo, são recorrentes na história das línguas e não se pode, diante deles, atribuir-lhes uma causa direta e única, tampouco encará-los como fruto da relação “osmótica” ocorrida no intercuro entre a língua do colonizador e as línguas dos escravos, sem uma investigação precisa.

Ao descrever os fatos do PB, para os quais são atribuídos uma “influência tupi”, Melo (1946), por exemplo, cita a “semi-vocalização do fonema palatal molhado”, elemento ao qual se indica uma interferência africanista, como aqui se citou. Diante da diversidade de interpretações, o autor comenta:

Não é absurdo propor outra explicação para o fato. Sabem todos que o Francês até o século XVIII pelo menos, pronunciava com som molhado o fonema representado por dois *ll* precedido de *i* e seguido de vogal: ‘papillon’, ‘cotillon’, ‘bataille’, ‘famille’ se diziam, e ainda hoje se dizem na região pirenaica: *papilhon*, *cotilhon*, *batailhe*, *familhe*. Pois bem: hoje em dia, a prosódia do Francês comum é: *papiyon*, *cotiyon*, *bataye*, *famiye*, isto é, deu-se na língua a evolução de *lh* para *y*,

a mesma, pois que o Português desta banda do Atlântico. Uma excursão fácil pelos arraiais românticos mostraria que o fenômeno não é privativo do Português popular do Brasil e do Francês.

Lembremos ainda que os dialetos crioulos do Português africanos nos mostram a idêntica transformação [...].

Portanto, pode-se também aventar, para o nosso caso, a hipótese de tendência romântica ou ainda a de influxo africano [...] (MELO, 1946: 47-48).

Dessa maneira, verifica-se que não há consenso acerca das possíveis “origens” do fato, muito embora porque não são eficazes tentativas de compreensão desses fenômenos, somente através de comparações superficiais ou que se prestem a engessá-los sob os moldes de uma justificativa única.

Neste trabalho, teve-se a intenção não de resolver os problemas referentes aos aspectos fonético-fonológicos do PB, para os quais são apontadas interferências das línguas africanas, mas sim de revisitar o panorama histórico do contato, reunindo dados acerca das situações desenroladas, das línguas mais proeminentes e outros aspectos. Buscaram-se dados sobre os fatos caracterizadores da fonologia das línguas mais expressivas daqueles contextos (sobretudo, as línguas do subgrupo banto, representadas pelo quimbundo), fatos do PB e interpretações atribuídas às esses dados. Diante do que foi exposto, é preciso, à guisa de conclusão, fixar alguns itens.

Os estudos aqui citados e boa parte dos demais, que tomam essas questões como eixo de gravitação, assumem uma postura descritivista e, por vezes, impressionista, no que é atinente à observação dos dados linguísticos. Entretanto, é preciso sejam tomados como um valioso ponto de partida na elaboração de contribuições sistemáticas ao tema.

Primeiramente, deve-se compreender que se tratava de falantes de línguas naturais e, portanto, vivas e variáveis e que, em um primeiro momento, eram adultos, em fase posterior à aquisição natural da linguagem. Há de se ponderar, com base nas teorias cabíveis, o que teria mais peso naquele contexto: as suas línguas maternas, dotadas de parâmetros peculiares, ou os aspectos gerais que regem todas as línguas.

Depois, torna-se necessário entender a história como um complexo de porções temporais e contextos sociais diferenciados. Assim, as observações dos fatos específicos precisam ser feitas tomando por base os diferentes percursos caminhados pelo português, considerando, também, o PE em diferentes sincronias, uma vez que esse passou por importantes mudanças ao longo de quatro séculos de colonização.

Ademais, é imprescindível que se focalize o PB, em especial a sua dimensão fonético-fonológica, como campo de análise extremamente rico. As compreensões ainda não estão esgotadas. Não basta, por exemplo, que se diga que o paradigma vocálico do PB é bastante semelhante às vogais do quimbundo e, no que trata da abertura, divergente quanto ao PE. Os fatos do vocalismo do PB, no âmbito fonético são múltiplos (como, por exemplo, a abertura das vogais pretônicas nas áreas do Norte e Nordeste do país e o seu fechamento no Sul e Sudeste, a manutenção das médias em posição postônica final em localidades do Sul do país, em face da sua elevação na maior parte do território e a apócope em áreas recônditas etc.), havendo alguns que não encontram pares no PE, em variedades do português em África e tampouco ecos nas línguas do contato, como é o caso da ditongação vocálica diante de /S/, mais provável em monossílabos tônicos (☉☞☐☞☞☞☞ ~ ☉☞☐☞☞☞☞☞☞; ☉☞☞☞☞☞☞☞☞☞ ~ ☉☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞) e vocábulos oxítonos (☉☞☞☞☞☞☞☞☞☞ ~ ☉☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞; ☉☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞☞ ~



- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador/ Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais / Fundação Cultural Palmares, 2006.
- BONVINI, Emílio. Línguas africanas e o português falado no Brasil. In: FIORIN, J.L.; PETTER, M. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- ELIA, Sílvio. *A unidade linguística do Brasil: condicionamentos geoeconomicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- FERREIRA, Carlota. Remanescentes de um falar crioulo brasileiro (Helvécia-Bahia). In: FERREIRA, Carlota et al (Org.). *Diversidade do português do Brasil: Estudos de Dialectologia rural e outros*. 2. ed. Salvador: Centro Editorial e didático, 1994, p.21-32.
- HOLM, John M. *Languages in contact: the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge Press, 2004.
- HOLM, John M. The Genesis of the brazilian vernacular: insights from the indigenization of Portuguese in angola. In: *PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares*, v.19, p.93-122, 2009. Disponível em: <<http://abecs.dominiotemporario.com/ojs/index.php/papia/article/viewFile/36/73>>. Acesso em 15 de janeiro de 2013.
- LABOV, William. *Padrões Sociolingüísticos*. Trad. Marcos Bagno, M<sup>a</sup> Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LYONS, John. *Lingua(gem) e Lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: \_\_\_\_\_; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (Org.). *O português Afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p.41-73.
- LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolingüística do Brasil (1500-2000). *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.17, n.1, p.97-130, 2001.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio. A questão da constituição histórica do Português Brasileiro: revendo razões. *Biblios* (Coimbra), v.5. p.187-206, 2007.
- MATTOS E SILVA, R.V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Ser escravo no Brasil*. 3.ed. 2. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MEDEIROS, Carmen Lúcia de, *Desfazendo as tranças: estudo renovado sobre as interferências das línguas africanas no léxico do Português Brasileiro*. 123 p. Salvador, 2008.
- MELO, Gladstone Chaves de. *A Língua do Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1946.
- MENDONÇA, Renato. *Influência Africana no Português do Brasil*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2012.
- MILLER, J.C. África Central durante a era do comércio de escravizados, de 1490 a 1850. In: HEYWOOD, L.M.. *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2010. p.28-80.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Origens do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2007.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Marta. O conceito de transmissão lingüística irregular e as origens estruturas do português brasileiro: um tema em debate. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara. *Português Brasileiro: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 285-298.

PAGOTTO, Emílio. Crioulo sim, crioulo não: uma agenda de problemas. In: CASTILHO, Ataliba et al. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: FAPESP/ Campinas: Pontes, 2007. p. 461-482.

PETTER, Margarida M.T.. O continuum afro-brasileiro do português. In: GALVES, C.; GAMES, H.; RIBEIRO, F.R. (Org.). *África-Brasil: Caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora Unicamp, 2009. p.159-173.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. O Português do Brasil, uma intromissão nessa história. In: GALVES, C.; GAMES, H.; RIBEIRO, F.R. (Org.). *África-Brasil: Caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora Unicamp, 2009. p.175-183.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. A Matriz Africana no Português do Brasil. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra, MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos Anos de História Lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p.81-116.

PESSOA DE CASTRO, Yeda. *Falares Africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL/ Topbooks, 2005.

REIS, João José. *A revolta dos Malês em 1835*. Disponível em: <<http://www.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/a-revolta-dos-males.pdf>>. Acesso em 23 de julho de 2013.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Tupi, Tupinambá, Línguas Gerais e o Português do Brasil. In: NOLL, Wolker; DIETRICH, Wolf (Org.). *O Português e o Tupi no Brasil*. São Paulo: Contexto: 2010, p.27-47.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. As outras línguas da colonização do Brasil. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra, MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos Anos de História Lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p.145-161.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. *Língua brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

SILVA, Thaís Cristófar. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

XAVIER, Francisco da Silva. *Fonologia Segmental e Supra-segmental do Quimbundo: variedades de Luanda, Bengo, Quanza Norte e Malange*. 2010. 158 p. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo. São Paulo/USP, 2010.